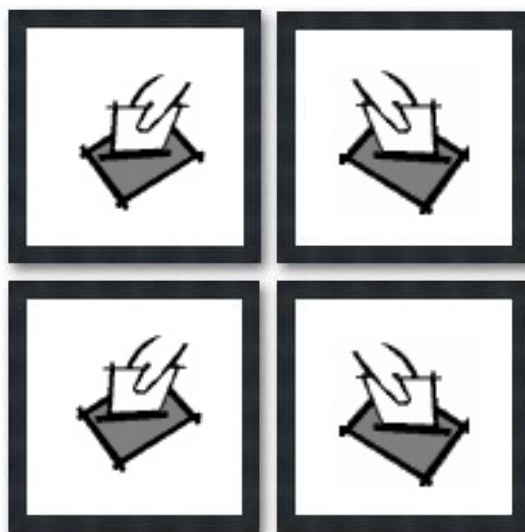


IMPRENSA E ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE CURITIBA EM 2000 E 2004:

AS COBERTURAS DA FOLHA DO PARANÁ E DA GAZETA DO POVO¹



Emerson Cervi
&
Nelson Rosário de Souza

1. INTRODUÇÃO

A base da cobertura que a imprensa faz dos fatos sociais está relacionada aos critérios de noticiabilidade, pois aquilo que será ou não abordado nos meios de comunicação depende do que os profissionais da comunicação consideram como passível de ser transformado em notícia. Existe uma grande variedade do que se pode chamar de critérios de noticiabilidade. Segundo Mário Erbolato, os critérios mais comuns como definidores de uma notícia são: raridade, exclusividade, proximidade, interesse humano e veracidade (Cf. Erbolato, 1991). Ou seja, para poder virar notícia, um fato social precisa conter as características citadas acima como ponto de partida. A partir daí esse fato passa a sofrer a influência dos diversos outros fatores não puramente técnicos, pois fatores estruturais do cenário jornalístico interferem na produção da notícia.

Para Mauro Wolf, os critérios de noticiabilidade estão diretamente relacionados a processos de rotinização das práticas produtivas dos meios de comunicação e não exclusivamente com as características do fato social (Cf. Wolf, 1987). Sendo assim, a definição de noticiabilidade está ligada, fundamentalmente, à capacidade que os órgãos de informação possuem de dar respostas aos acontecimentos selecionando-os e produzindo-os como notícia. Os fatos cotidianos construídos como importantes pelos jornalistas dependem, para virar notícia, das condições específicas de cada meio de comunicação e da concorrência entre os órgãos de comunicação. De acordo com essa definição, os critérios de noticiabilidade ultrapassam as restrições meramente técnicas, contrariando a idéia de que o jornalismo apenas retrata a realidade. Mauro Wolf defende ainda que notícia é tudo aquilo que os jornalistas definem como tal, ou seja, trata-se de uma meta-realidade. Ela é produto de um processo que depende da perspectiva prática dos acontecimentos. No jogo da produção da notícia os atores do mundo jornalístico desempenham um papel importante, mas, não impõem sem mais seus valores subjetivos ao produto, uma vez que suas ações sofrem os limites dos padrões objetivos institucionalizados nos meios de comunicação de massa.

Um fator a ser considerado na produção da notícia é a opção dos meios de comunicação em assumir uma ideologia política ou professar uma imparcialidade. No caso do Brasil contemporâneo, a mídia utiliza a retórica da objetividade na produção da notícia. Muitos autores têm enfatizado a importância da competição comercial entre os veículos de comunicação como um dos fatores decisivos para a prática de um jornalismo independente. O principal argumento é que a disputa pelas verbas publicitárias num ambiente empresarialmente competitivo produz como efeito direto uma concorrência acirrada pelo público e indiretamente a busca de uma notícia capaz de ampliar o público dos veículos de comunicação (Cf. Azevedo, 2001).

É evidente que a declaração formal de imparcialidade não impede a articulação dos responsáveis pelos jornais com interesses de grupos políticos ou a existência de preferências individuais nos profissionais dessas empresas. A diferença é que numa imprensa declaradamente partidária o sistema de comunicação pode ganhar a feição de um grupo dirigente que expressará seus interesses para a sociedade. Já na empresa jornalística comercial, o sistema de produção de notícias é concebido a partir da dialética interna da empresa que ora representa seus interesses imediatos (publicitários, financeiros, políticos) ora representa posições de classes tais como a sociedade, o país ou o povo (Cf. Lage, 2001). O jornalismo moderno brasileiro tem como modelo ser independente, assim como a imprensa norte-americana, e seus valores básicos declarados são a objetividade, neutralidade, imparcialidade, compromisso com os fatos, com o leitor e com a prestação de serviço público. A questão, por um lado, é identificar até que ponto os constrangimentos de grupos de pressão e de preferências individuais interferem na plena realização desse modelo norteador. Por outro lado, trata-se de verificar em que medida as distorções involuntárias das “rotinas produtivas” participam na construção da notícia.

Em resumo, é possível apresentar o campo teórico dos estudos sobre os meios de comunicação de massa como marcado por uma divisão entre duas abordagens. A primeira delas enfatiza as ideologias e interesses que envolvem os atores midiáticos como os fatores que melhor explicam o padrão da notícia. A segunda considera que processos internos à produção da notícia, como: a formação dos jornalistas, as características culturais do campo jornalístico, enfim, a interferência de regras e critérios implícitos e não intencionais na definição do que é noticiável, constituem um conjunto de fenômenos capaz de explicar o padrão da notícia e seus efeitos de persuasão sobre a audiência.

De um lado intenções e manipulações de atores localizados em posições estratégicas aparecem como variável explicativa do comportamento da mídia, de outro, as condições estruturais do campo jornalístico é que indicam a causa, cujo efeito é a o padrão de cobertura dos órgãos de informação e a influência no comportamento dos receptores das mensagens midiáticas. Não são posições excludentes, mas, no caso em foco a segunda perspectiva nos parece mais explicativa.

A seguir apresentaremos o contexto das eleições para prefeito de 2000 e 2004 e faremos uma descrição comparativa de algumas variáveis que se mostraram relevantes na cobertura de dois dos principais jornais de Curitiba.² Analisaremos elementos como o espaço dedicado à cobertura eleitoral, o formato predominante nas matérias e o perfil da cobertura em relação aos candidatos. O objetivo é responder sobre a manutenção ou não de um padrão jornalístico na cobertura dos dois episódios por parte dos dois órgãos de comunicação em foco. Quanto às hipóteses explicativas sobre o comportamento da mídia impressa nas eleições de Curitiba, escapam aos limites deste trabalho que se caracteriza por uma primeira aproximação a ser completada por análises mais aprofundadas no futuro. De todo modo é possível especular sobre qual fator foi preponderante em cada situação: a força das rotinas produtivas, a influência de interesses comerciais ou a pressão de grupos ideológicos.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ELEIÇÕES PARA PREFEITO DE CURITIBA EM 2000 E 2004

Em 2000 a campanha eleitoral tinha como principal candidato o então prefeito Cássio Taniguchi (PFL), concorrendo à reeleição. A primeira gestão de Taniguchi teve sempre um desempenho público majoritariamente positivo. Em pesquisa feita no primeiro semestre de 2000 pelo Instituto Brasmarket/Revista Isto É, o prefeito de Curitiba havia apresentado uma aprovação de 71,4% da população. Na pesquisa anterior, do mesmo instituto, Taniguchi havia obtido índice superior a 80%. Além disso, no início de 2000 a Consultoria Arthur Andersen, em conjunto com a Revista Exame, consideraram Curitiba como a melhor cidade para se fazer investimentos no Brasil. Esse título refletiu positivamente na imagem da administração de Taniguchi, em especial por ter sido obtido em ano eleitoral. Apesar disso, o bom desempenho administrativo não foi convertido totalmente em preferência eleitoral, ainda que tenha possibilitado ao candidato à reeleição a dianteira na largada eleitoral. No mês de maio, ainda no período pré-eleitoral e 60 dias após a divulgação do título da Revista Exame, uma pesquisa do Instituto Datafolha apontou que o prefeito de Curitiba tinha 42% das intenções de voto do eleitor local. Nestas condições, a oposição até então desacreditada como força política para substituir o então prefeito começou a ensaiar uma reação.

As intenções de voto dos opositores se dividiram, principalmente, entre dois candidatos: pelo PMDB o ex-deputado e irmão do então governador do Estado, Eduardo Requião; pelo PT o deputado estadual Ângelo Vanhoni. No início da campanha Requião começou como o segundo candidato na intenção de votos. Ele fez uma campanha altamente crítica ao prefeito Taniguchi, com ataques diretos e isso terminou resultando em uma queda na aceitação de seu discurso. Como consequência, o candidato petista cresceu nas intenções de voto. No primeiro turno Taniguchi fez 43,97% dos votos válidos, contra 35,37% de votos para Vanhoni. No

segundo turno Taniguchi ficou com 51,48% dos votos válidos, contra 48,52% de Vanhoni.

Em 2004, sem a possibilidade de reeleição do prefeito e com os altos índices de rejeição que o segundo mandato de Taniguchi recebeu, as candidaturas de oposição cresceram já no período pré-eleitoral. O principal concorrente neste grupo continuou sendo o candidato do PT, Ângelo Vanhoni. Desta vez o PT e o PMDB, principais forças oposicionistas da capital, decidiram se coligar para evitar a divisão dos votos. Atitude que provocou uma cisão no PMDB, culminando com a saída do grupo ligado ao deputado Maurício Fruet, que não aceitou a submissão à ala majoritária ligada ao governador Roberto Requião. No período pré-eleitoral Vanhoni apresentava índices de intenção de voto de cerca de 40%. No grupo do governo houve uma divisão pública entre o então prefeito Taniguchi e seu vice-prefeito Beto Richa (PSDB), que pretendia ser candidato à prefeitura apoiado pelo governo municipal. Porém, Taniguchi preferiu apoiar um candidato do PFL, seu partido. O contexto conflituoso resolveu-se com a saída de Richa da administração municipal no primeiro semestre de 2004. As forças da situação é que se lançaram na campanha divididas, pois além do candidato do PSDB houve também uma candidatura do PFL, apoiada oficialmente pelo prefeito Taniguchi.

A disputa para a prefeitura em 2004 desenhou um novo perfil de lideranças políticas na capital ou, ao menos, abalou o perfil hegemônico. É possível afirmar que o esboço deste desenho começou a ganhar nitidez já na eleição de 2000, quando o crescimento do candidato do PT surpreendeu o grupo da situação. Se durante um longo período os planejadores urbanos conquistaram uma fatia cativa do eleitorado curitibano sem grande esforço, a eleição de 2004 alterou o jogo. Ficou evidente na manifestação do eleitorado a vontade de substituir o perfil de elite política tecnocrática que exerceu a hegemonia na cidade desde os anos 1970.³ Aberta as urnas do primeiro turno da eleição de 2004 o candidato do PFL, partido do então prefeito Taniguchi, obteve apenas 6,23% dos votos. As votações de outubro de 2004 apresentaram dois perfis

políticos alternativos à elite tecnocrática local. Um, representando a manutenção de algumas características dos grupos com tradição no governo do Município e do Estado. Ou seja, um perfil já institucionalizado, que pode ser associado ao candidato Beto Richa. Outro, com características mais distantes da tradição política institucionalizada, cujo principal representante foi o deputado estadual Ângelo Vanhoni (PT). Enfim, o que vale a pena sublinhar é que nenhum dos dois perfis apresenta as características básicas dos tecnocráticos que marcaram a gestão municipal em Curitiba nas últimas décadas e nem têm origem no grupo de urbanistas acima referido. Embora, é preciso afirmar, Richa represente, claramente, uma mudança menos radical desse perfil, quando comparado a Vanhoni.

Não deve passar despercebido que a campanha em 2004 apresentou uma manutenção das preferências eleitorais bem maior que a disputa de 2000. Os dois principais candidatos iniciaram a disputa, em julho, variando entre 25% e 30% das intenções de voto. Suas posições não apresentaram grandes variações durante toda a campanha, pois as pesquisas de opinião realizadas pelo Ibope em Curitiba, entre agosto e outubro, mostraram índices sempre dentro das margens de erro, indicando um empate técnico entre Richa e Vanhoni durante todo o período.

Voltando aos resultados gerais da última disputa, quando comparado o desempenho eleitoral de Vanhoni em 2000 e 2004, percebe-se que ele apresentou um resultado melhor naquela eleição do que nesta. No primeiro turno Beto Richa ficou com 35,06% dos votos válidos, contra 31,18% de Vanhoni. No segundo turno Beto Richa fez 54,78% dos votos válidos, contra 45,22% de Vanhoni. Com isso, fica claro que o eleitor de Curitiba queria a mudança, mas preferiu uma transformação em grau menor, considerando, provavelmente, ser esta opção a mais segura.

O que interessa neste trabalho é a identificação de padrões da cobertura feita por dois dos principais jornais do Paraná a respeito das duas eleições para prefeito de Curitiba. A rápida contextualização da

disputa, até aqui apresentada, poderá oferecer indícios sobre o comportamento, durante a campanha eleitoral, dos jornais em foco. No próximo item serão apresentados os aspectos mais gerais da cobertura feita pelos jornais Folha do Paraná e Gazeta do Povo, a partir de dados quantitativos.

3. DESCRIÇÃO DA COBERTURA GERAL

Para comparar os modelos de cobertura dos jornais impressos nas duas eleições para prefeito de Curitiba usamos o espaço total ocupado por textos referentes à disputa em centímetros quadrados e os formatos dos textos que citavam os dois candidatos que foram para o segundo turno em 2000 e 2004. O objetivo é saber se houve alguma variação no volume e tipo de cobertura entre as disputas e se o mesmo ocorreu no tratamento dado aos principais candidatos. Vale lembrar que Angelo Vanhoni (PT) foi para o segundo turno nas duas disputas, o que favorece ainda mais a comparação da cobertura deste candidato.

TABELA 1 – VOLUME DE COBERTURA DOS JORNAIS⁴

Ano	Turno	Jornal	Total (cm2)	Tam. Médio (cm2)	Tam. Mediano (cm2)
2000	1ª	Folha de Londrina	42.877,50	93,21	22
		Gazeta do Povo	44.460,50	90,36	24
	2ª	Folha de Londrina	29.324,75	87,01	35,5
		Gazeta do Povo	59.821,75	155,38	40
	Total	Folha de Londrina	72.202,25	90,11	28,75
		Gazeta do Povo	104.282,25	122,87	32
2004	1ª	Folha de Londrina	28.640,18	55,72	24
		Gazeta do Povo	99.324,53	60,45	24,5
	2ª	Folha de Londrina	16.173,00	77,01	28
		Gazeta do Povo	37.454,78	72,58	24,6
	Total	Folha de Londrina	44.813,18	66,365	26
		Gazeta do Povo	136.779,31	63,4075	25,25

A Tabela 1 mostra que em ambas as eleições o jornal Gazeta do Povo dedicou um espaço maior para a cobertura da disputa que a Folha de Londrina. Porém, a diferença é mais significativa na última disputa. Em 2000 as eleições ocuparam 30,8% de centímetros quadrados a mais na Gazeta do Povo que na Folha de Londrina. Em 2004 essa diferença ficou em 67% a favor da Gazeta. Isso é resultado de dois fatores. Por um lado houve uma redução da cobertura da Folha entre 2000 e 2004, de 72,2 mil cm² para 44,8 mil cm², enquanto por outro lado a Gazeta ampliou a cobertura, passando de 104,2 mil cm² em 2000 para 136,7 mil cm² em 2004. No geral, entretanto, repetiu-se em 2004 um fenômeno constatado na pesquisa de 2000. A imprensa de Curitiba continuou cobrindo pouco as eleições, os dois principais jornais não ultrapassaram a marca dos 180 mil cm² dedicados ao tema em foco. A visibilidade do assunto “eleições” continuou sendo baixa em comparação com outras capitais brasileiras (Cf. Fuks; Cervi, 2003).

Dado interessante é que em 2000 o jornal Gazeta do Povo, diferente do seu concorrente, dedicou, significativamente, mais espaço ao segundo turno do que ao primeiro. Já em 2004 a Gazeta do Povo acompanhou a tendência do seu concorrente e reduziu o espaço dedicado às eleições no segundo turno. Ainda que o segundo turno seja um momento decisivo da eleição, é plausível que a disputa num menor número de dias e entre apenas dois candidatos, ocupe menos espaço. Logo, o dado singular é o espaço dedicado às eleições pela Gazeta do Povo no segundo turno de 2000. A explicação remete a dois fatores explorados noutro trabalho (Cf. Fuks; Cervi, 2003). No primeiro turno de 2000 os jornais pesquisados dedicaram pouca

atenção a uma eleição que consideravam decidida a favor do prefeito que buscava a reeleição. A necessidade de segundo turno constituiu-se como evento importante diante da situação na largada da campanha e devido ao avanço do PT, o partido pela primeira vez apareceu com reais chances de vitória na capital paranaense.

No que diz respeito ao tamanho médio das entradas, houve uma redução em ambos jornais da primeira para a segunda disputa. A Folha passou de 90,1 cm² para 66,3 cm², enquanto a Gazeta apresentou uma redução da média quase pela metade, de 122,87 cm² para 63,4 cm². As diferenças medianas acompanham as médias. Isso significa a cobertura feita pelos dois jornais foi mais fragmentada em 2004 do que em 2000. Os textos menores predominaram, inclusive na Gazeta, que ampliou significativamente o espaço ocupado pelas eleições em 2004. Uma diferença marcante é que a Folha de Londrina em 2000 apresentou uma fragmentação maior no segundo turno em relação ao primeiro, com tamanho médio passando de 93,2 cm² para 87,0 cm², enquanto a Gazeta do Povo em 2000 e os dois jornais em 2004 apresentaram um movimento contrário, reduzindo a fragmentação no segundo turno em relação ao primeiro.

As coberturas mais fragmentadas indicam uma tendência da abordagem das eleições mais na forma de notas em colunas assinadas por jornalistas especializados e menos na de reportagens da editoria de política. O formato reportagem abrange todos os textos noticiosos informativos produzidos pela redação do jornal ou por agências de notícias. O formato artigo assinado é aquele em que os textos opinativos são escritos por especialistas, pelo cidadão comum ou por jornalistas. Normalmente esses textos encontram-se em uma página de opinião do jornal e estão separados do material informativo. Eles tratam de um único assunto por edição. As colunas assinadas são textos que misturam opinião e interpretação, sempre de um jornalista contratado pelo jornal, que pode tratar de vários temas em um mesmo dia, com as informações dispostas em forma de pequenas notas. Normalmente as colunas assinadas encontram-se nas páginas de informação. Ilustrações são Charges infográficos e fotos que acompanham os textos opinativos e informativos do jornal. Têm uma importante função gráfica de dar leveza ao jornal. As chamadas de primeira página abrangem todos os textos a respeito da campanha eleitoral publicados na primeira página do jornal. Eles fazem a introdução dos textos que estão nas páginas internas. Vejamos a seguir como foi a cobertura nos diferentes formatos de textos jornalísticos.

TABELA 2 – FORMATO DA COBERTURA DOS JORNAIS

Ano	Turno	Jornal	Reportagem	Artigo assinado	Coluna assinada	Ilustração	Chamada 1ª página	Total
2000	1º	Folha de Londrina	66 (14,24%)	01 (0,22%)	330 (71,74%)	52 (11,30%)	11 (2,40%)	460 (100%)
		Gazeta do Povo	110 (22,36%)	02 (0,41%)	341 (69,31%)	31 (6,29%)	08 (1,62%)	492 (100%)
	2º	Folha de Londrina	85 (25,22%)	03 (0,89%)	199 (59,05%)	37 (10,98%)	13 (3,85%)	337 (100%)
		Gazeta do Povo	142 (36,88%)	00 (0,0%)	196 (50,90%)	35 (9,08%)	12 (3,11%)	385 (100%)
	T	Folha de Londrina	151 (18,95%)	04 (0,50%)	529 (66,37%)	91 (11,41%)	24 (3,01%)	797 (100%)
		Gazeta do Povo	252 (28,74%)	02 (0,23%)	537 (61,23%)	66 (7,52%)	20 (2,28%)	877 (100%)
2004	1º	Folha de Londrina	81 (15,75%)	00 (0,0%)	376 (73,15%)	42 (8,17%)	15 (2,92%)	514 (100%)
		Gazeta do Povo	250 (15,21%)	00 (0,0%)	1098 (66,82%)	284 (17,28%)	11 (0,67%)	1643 (100%)
	2º	Folha de Londrina	54 (25,71%)	01 (0,47%)	140 (66,66%)	14 (6,66%)	01 (0,48%)	210 (100%)
		Gazeta do Povo	123 (23,83%)	03 (0,58%)	326 (63,18%)	52 (10,07%)	11 (2,13%)	516 (100%)
	T	Folha de Londrina	135 (18,64%)	01 (0,14%)	516 (71,27%)	56 (7,73%)	16 (2,21%)	724 (100%)
		Gazeta do Povo	373 (17,27%)	03 (0,14%)	1424 (65,95%)	336 (15,56%)	22 (1,01%)	2159 (100%)

A Tabela 2 mostra claramente um predomínio do formato notas em coluna assinada em ambos jornais nas duas disputas. Em 2000, 66,3% da cobertura da Folha foi através de notas políticas e 61,2% da Gazeta do Povo. Em 2004 esses percentuais subiram para 71,2% na Folha e 65,9% na Gazeta. O segundo formato de maior participação na cobertura vem

muito atrás, foi o das reportagens da editoria de política, que na Folha representaram 18,9% em 2000 e 18,6% em 2004, permanecendo praticamente estável, enquanto na Gazeta houve uma redução da participação das reportagens de 28,7% em 2000 para 17,2% em 2004. No entanto, o que cresceu na cobertura da Gazeta em 2004 em relação a 2000 foi a participação das ilustrações, que passou de 7,52% para 15,56%. Na Folha as ilustrações apresentaram uma redução proporcional na cobertura, passando de 11,41% em 2000 para 7,73% em 2004. Os artigos assinados e as chamadas de primeira página mantiveram estáveis suas participações no total da cobertura dos dois jornais. Estes números indicam que nas duas eleições ambos jornais mantiveram o mesmo padrão de cobertura, baseado principalmente em colunas especializadas em política e nas reportagens da editoria. A opção por fazer uma cobertura “objetiva” e interpretativa ao invés de uma cobertura mais opinativa fica evidente quando se olha o baixo percentual de editoriais e artigos opinativos.



Até aqui os dados vão indicando a tendência geral de repetição em 2004 do padrão de cobertura de 2000, mesmo que com diferenças no varejo. Ainda que os números apontem um crescimento na cobertura da Gazeta do Povo, ela ficou muito abaixo do esperado para um jornal de grande circulação numa capital. Além da “quase ausência” da mídia impressa no processo eleitoral, repete-se a localização maciça da cobertura nas notas em colunas assinadas, o que significa manter, mesmo durante o período eleitoral, o tema política no seu espaço de sempre. Parece significar também que, sob os critérios dos jornalistas curitibanos, poucos acontecimentos eleitorais conseguiram alcançar o *status* de notícia. Ao que tudo indica a mídia impressa em Curitiba, tanto em 2004 como em 2000, limitou-se a acompanhar os acontecimentos eleitorais sem exercer o poder de agendar o debate público.

4. COBERTURA DOS CANDIDATOS

A análise da cobertura dos candidatos tem o objetivo de identificar se os veículos de comunicação trataram os diferentes concorrentes com isonomia ou se houve algum tipo de desvio. Considerando a característica comercial e a inexistência de vínculos ideológicos formais com as correntes políticas dos jornais brasileiros, espera-se que a cobertura seja proporcional aos índices de intenção de voto dos candidatos ao longo da disputa.

Em 2000 o candidato à reeleição Cássio Taniguchi apareceu em 65,3% dos textos referentes à eleição na Folha do Paraná e 69,9% na Gazeta do Povo, enquanto o candidato da oposição Ângelo Vanhoni apareceu em 46,2% da cobertura da Folha e 53,5% da Gazeta. A cobertura feita no primeiro turno é a principal responsável pela diferença nas aparições dos dois candidatos. Em ambos jornais Taniguchi apareceu quase o dobro de vezes que Vanhoni no primeiro turno. No início do primeiro turno de 2000 acreditava-se que Taniguchi seria eleito já no primeiro turno, enquanto em boa parte do período Vanhoni permaneceu na terceira colocação na preferência das intenções de voto dos eleitores de Curitiba. Isso poderia justificar a diferença percentual das coberturas, principalmente se considerarmos que no segundo turno os percentuais de aparições de ambos ficaram muito próximos nos dois jornais.

TABELA 3 – VOLUME DE COBERTURA DOS PRINCIPAIS CANDIDATOS NAS ELEIÇÕES

Ano	Turno	Candidato	Jornal	n° entradas com aparição	% de entradas com aparição
2000	1°	Cassio Taniguchi	Folha do Paraná	279	60,70
			Gazeta do Povo	324	65,90
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	123	26,70
			Gazeta do Povo	168	34,10
	2°	Cassio Taniguchi	Folha do Paraná	204	69,90
			Gazeta do Povo	282	74,00
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	192	65,80
			Gazeta do Povo	278	73,00
	T	Cassio Taniguchi	Folha do Paraná	483	65,30
			Gazeta do Povo	606	69,95
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	315	46,25
			Gazeta do Povo	446	53,55
2004	1°	Beto Richa	Folha do Paraná	223	43,40
			Gazeta do Povo	622	37,90
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	280	54,50
			Gazeta do Povo	769	46,80
	2°	Beto Richa	Folha do Paraná	162	77,10
			Gazeta do Povo	353	68,40
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	156	74,30
			Gazeta do Povo	364	70,50
	T	Beto Richa	Folha do Paraná	385	60,25
			Gazeta do Povo	975	53,15
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	436	64,40
			Gazeta do Povo	1133	58,65

Já em 2004, quando a disputa começou indefinida desde o início, com Vanhoni liderando as primeiras pesquisas de intenção de voto, a participação dos dois principais candidatos nos jornais ficou muito próxima, com Vanhoni à frente do outro candidato na cobertura dos dois jornais. Na Folha, Vanhoni apareceu em 64,4% das entradas, contra 60,2% de Beto Richa, enquanto na Gazeta, Vanhoni aparece em 58,6%, contra 53,1% de Beto Richa.

Os números comparativos mostram que independente do jornal, a não liderança de Vanhoni na cobertura de 2000 não se deveu a fatores ideológicos ou em função do partido a que pertencia o candidato, visto que em 2004 ele manteve-se na mesma posição ideológica e partidária, ficando à frente do outro candidato. Esses elementos indicam que a cobertura dos candidatos feita pelos jornais, independente das intencionalidades dos produtores das notícias, se pautou pelas intenções de voto dos eleitores apresentadas nas pesquisas eleitorais.

Além da aparição dos candidatos, é preciso considerar a valência que eles receberam na cobertura feita pelos jornais para identificar se os jornais se pautaram ou não pela busca de “objetividade” na cobertura das eleições municipais de Curitiba.

IMPRENSA E ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE CURITIBA EM 2000 E 2004

TABELA 4 – VALÊNCIA DA COBERTURA DOS PRINCIPAIS CANDIDATOS NAS ELEIÇÕES

Ano	Turno	Candidato	Jornal	% Valências			
				positiva	negativa	neutra	total
2000	1°	Cassio Taniguchi	Folha do Paraná	18,10	23,50	58,40	100,00
			Gazeta do Povo	7,70	5,80	86,50	100,00
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	16,30	14,60	69,10	100,00
			Gazeta do Povo	5,90	7,60	86,50	100,00
	2°	Cassio Taniguchi	Folha do Paraná	16,70	28,40	54,90	100,00
			Gazeta do Povo	36,60	7,70	55,70	100,00
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	20,30	29,70	50,00	100,00
			Gazeta do Povo	33,10	17,40	49,50	100,00
	T	Cassio Taniguchi	Folha do Paraná	17,40	25,95	56,65	100,00
			Gazeta do Povo	22,15	6,75	71,10	100,00
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	18,30	22,15	59,55	100,00
			Gazeta do Povo	19,50	12,50	68,00	100,00
2004	1°	Beto Richa	Folha do Paraná	4,00	13,00	83,00	100,00
			Gazeta do Povo	4,80	6,80	88,40	100,00
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	1,80	10,40	87,80	100,00
			Gazeta do Povo	7,70	4,50	87,80	100,00
	2°	Beto Richa	Folha do Paraná	1,20	11,10	87,70	100,00
			Gazeta do Povo	3,70	9,30	87,00	100,00
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	1,90	9,60	88,50	100,00
			Gazeta do Povo	3,00	11,00	86,00	100,00
	T	Beto Richa	Folha do Paraná	2,60	12,05	85,35	100,00
			Gazeta do Povo	4,25	8,05	87,70	100,00
		Angelo Vanhoni	Folha do Paraná	1,85	10,00	88,15	100,00
			Gazeta do Povo	5,98	6,28	87,75	100,00

A Tabela 4 mostra que nas duas disputas ambos jornais privilegiaram as valências neutras, mais próximas da assumida 'objetividade'. Na Folha de Londrina, o percentual de valências neutras ficou em cerca de 57% em 2000 e 86% em 2004. Na Gazeta do Povo ele foi de 69% em 2000 e 87% em 2004, ou seja, em ambos jornais houve um crescimento do percentual de entradas neutras na segunda disputa em relação à primeira. Em 2000, a valência positiva de Vanhoni na Folha ficou cerca de 4 pontos percentuais abaixo da valência negativa, enquanto na Gazeta a valência positiva ficou 7 pontos percentuais acima da negativa. Em 2004, na Folha a valência positiva de Vanhoni ficou cinco vezes abaixo da positiva e na Gazeta a valência positiva esteve menos de um ponto percentual abaixo da negativa. Ou seja, enquanto na Folha houve um crescimento da participação de valências negativas de Vanhoni entre as duas eleições, a Gazeta apresentou uma redução mais acentuada das valências positivas em relação às negativas. Em outras palavras, de maneira geral a cobertura recebida por Vanhoni nos dois jornais tendeu a ser mais negativa em 2004 do que em 2000. Essa informação pode minimizar a idéia transmitida pelo equilíbrio na quantidade de cobertura de equidade no tratamento dos candidatos.

O oponente a Vanhoni em 2000, Taniguchi, apresentou na Folha uma cobertura de valência negativa sete pontos percentuais acima da positiva, enquanto na Gazeta houve o contrário, pois as valências positivas ficaram 16 pontos percentuais acima das negativas. Em 2004 Beto Richa recebeu uma cobertura com valência negativa dez pontos percentuais acima da positiva. Na Gazeta do Povo a cobertura negativa foi de quatro pontos percentuais acima da positiva. Percebe-se que o incremento de valências negativas em 2004 não

aconteceu apenas no caso de Vanhoni, mas também no outro candidato que foi ao segundo turno. A diferença real no tratamento dos dois candidatos só se pode verificar na disputa de 2000. Não se deve esquecer que em 2000 o Prefeito Cássio Taniguchi era candidato à reeleição. É possível especular, a partir dos dados, que o jornal Gazeta do Povo mostrou-se mais suscetível às influências externas sobre a sua cobertura quando um dos candidatos era o prefeito.

Não se trata de discutir aqui o conteúdo real ou fictício da “objetividade” buscada pela imprensa. Cabe, no entanto, registrar que ao pautar-se pelas pesquisas de opinião, ao promover uma cobertura fundamentalmente em colunas assinadas e ao privilegiar a valência neutra ao retratar os candidatos, os jornais em foco abriram mão de constituírem-se em espaços importantes de promoção do debate público e se desinteressaram de exercer a prerrogativa estratégica da mídia, qual seja, agendar os temas durante uma campanha eleitoral. É possível afirmar que o padrão de cobertura em 2000 repetiu-se em 2004 e seu traço principal foi a invisibilidade das eleições e a desvalorização do poder da mídia no jogo democrático.

6. NOTAS CONCLUSIVAS

A comparação entre os dados coletados em 2000 e 2004 a respeito da cobertura das eleições municipais pelos jornais Gazeta do Povo e Folha do Paraná confirmaram, em linhas gerais, a manutenção de um padrão de comportamento destes órgãos de informação. A afirmação anterior não impede a constatação de que algumas variações na dimensão micro aconteceram.

No atacado a cobertura das eleições manteve a opção de um acompanhamento distante do cotidiano eleitoral. O espaço dedicado pelos jornais nos dois processos eleitorais foi praticamente igual e pautado pela economia. Ainda que a Gazeta do Povo tenha aumentado o volume da sua cobertura em 2004 é forçoso dizer que a visibilidade das eleições nos jornais estudados foi baixa.

O investimento no formato “coluna assinada” por parte dos dois jornais nas duas eleições ratificou a postura destes meios de comunicação de abdicar de uma presença mais efetiva no espaço público com vistas a interferir na elaboração da agenda política. Ao que tudo indica, os critérios de noticiabilidade adotados pela imprensa durante as eleições restringiram a produção de notícias políticas. Os jornais, definitivamente, circunscreveram o tema eleições aos espaços tradicionalmente a ele reservados. Por outro lado, é possível especular que os agentes políticos não conseguiram exercer satisfatoriamente uma influência sobre a mídia impressa a ponto de influir no processo de produção da notícia.

Quanto à cobertura por candidatos, é possível afirmar que os jornais buscaram uma postura “objetiva”, dedicando espaços a cada postulante de acordo com suas posições nas pesquisas de intenção de voto. Se em 2004 houve um crescimento da valência negativa das notícias, esta tendência valeu para os dois principais candidatos. Os dados permitem especular que a Gazeta do Povo esteve mais sensível ao poder, quando em 2000 dedicou mais espaço e notícias com valência positiva ao candidato que buscava a reeleição.

Ao optarem por uma cobertura “fria” das eleições, eximindo-se de esquentar o momento eleitoral, os jornais reproduziram a situação política. Ao que tudo indica, tal opção está associada, entre outras coisas, a um comportamento jornalístico de quem vê a elaboração da notícia como a mera retratação de fatos “verdadeiros”. A busca de uma “objetividade” significou o distanciamento do exercício do poder de agendamento, próprio da mídia impressa.

T & M

Texto recebido em novembro de 2004.

Aprovado para publicação em novembro de 2004.

8. SOBRE OS AUTORES

Emerson Urizzi Cervi é Doutorando em Ciência Política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ e Professor da UniBrasil de Curitiba.

Nelson Rosário de Souza é Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP e Professor da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Coordenador do Grupo de Estudos Mídia e Política.

9. REFERÊNCIAS

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

AZEVEDO, Fernando A. “Imprensa e cobertura eleitoral no pleito municipal de 2000 em São Paulo”. Paper – ANPOCS / Caxambu-MG, 2001.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

FUKS, Mário; CERVI, Emerson. “A cobertura da imprensa nas eleições de 2000”. In: CARVALHO, Rejane (Org.). *A produção da política em campanhas eleitorais*. Fortaleza: Editora Fontes, 2003.

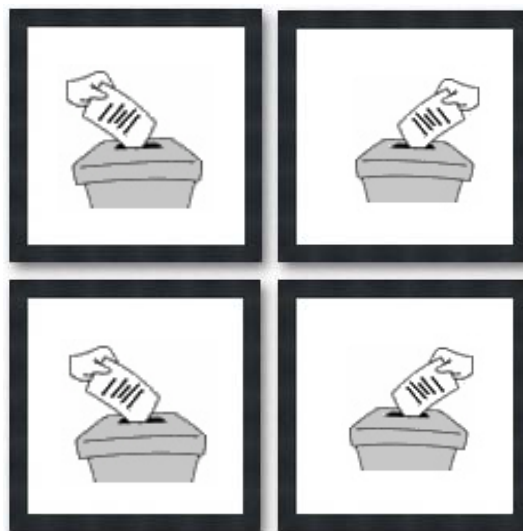
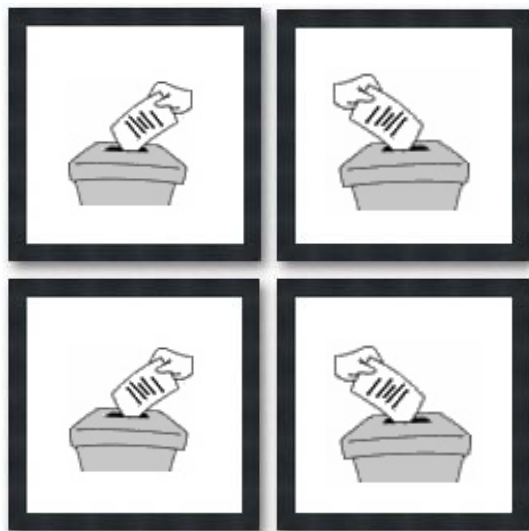
7. NOTAS:

1. Este trabalho foi apresentado originalmente no XII Congresso Brasileiro de Sociologia (GT-19 - Sociedade e Informação).

2. Foram pesquisados no ano de 2000 as edições da Folha do Paraná (atual Folha de Londrina) e da Gazeta do Povo entre os dias 01/07 e 29/10. E em 2004 a pesquisa abrangeu o período entre 01/07 e 31/10. A pesquisa foi realizada pelo Grupo de Estudos Comunicação e Política da Universidade Federal do Paraná.

3. No período de 1970 a 2004 o grupo de técnicos urbanistas responsável pela reforma urbana da cidade e comandado por Jaime Lerner só não esteve à frente do executivo municipal no período de 1983 a 1989.

4. A fonte de todas as informações aqui apresentadas é o banco de dados do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política da Universidade Federal do Paraná.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
REVISTA TEMAS & MATIZES
www.unioeste.br/saber

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
REVISTA TEMAS & MATIZES
www.unioeste.br/saber